

A tradição da revolta – a corrupção da palavra em *Lavoura Arcaica*, de  
Raduan Nassar

---

**letrônica**

---

Alan Neiva<sup>1</sup>

arte e manha da mos-  
ca mosca solta  
no meio das sílabas  
tá um osso e na goela tem  
quadra e meia de sus-  
tudo bem  
normal-  
criado marginal  
malcriado  
marginal.

Walter Franco – “Arte e Manha”<sup>2</sup>

### 1. A lavoura de Raduan

André, protagonista do primeiro livro de Raduan Nassar, afirma: [...] foi o senhor mesmo que disse há pouco que toda a palavra é uma semente: traz vida, energia, pode trazer inclusive uma carga explosiva no seu bojo: corremos graves riscos quando falamos (NASSAR, 1982, p. 167). Neste trecho está exposto o cerne do presente trabalho, pois aponta para o fato de a tradição poder guardar as chaves para a sua própria subversão.

A narrativa de *Lavoura Arcaica* (1975) estabelece o conflito entre posições frente à vida, ao conhecimento e aos valores, a partir da voz da personagem principal, que narra a história. André é o artífice da subversão, ou ainda, de maneira bastante popular: a ovelha

---

<sup>1</sup> Alan Neiva é formado em Jornalismo pela UFRGS, e cursa o mestrado em Teoria da Literatura, no eixo de Escrita Criativa, no PPG-Letras da PUCRS. Bolsista CNPq.

<sup>2</sup> Música do disco “Revolver” de 1975.

negra primeira de uma família de colonos imigrantes. André traz consigo o poder de ressignificação do discurso patriarcal, cujo cerne são os ecos de uma cultura árabe-católica-rural, bastante familiar ao escritor.

Embora não se tenha aqui o intuito de produzir um estudo comparativo entre a biografia do autor e as ressonâncias de suas experiências pessoais na literatura, parece ser elucidativo notar alguns pontos que circundam não só a figura de qualquer escritor (o qual não pode fugir à própria história), mas ainda a obra em questão.

Além de ser de origem libanesa, a família de Raduan Nassar vinculava-se ao catolicismo ortodoxo, levando-o a freqüentar a missa todos os dias para comungar, o que o levou a tornar-se “coroinha” aos nove anos. :

Em 1972, embora sem fé religiosa, Raduan participa da leitura comentada que a família faz do Novo Testamento. As reuniões semanais para este fim se estendem ao longo de quase todo o ano. Ao mesmo tempo, ele retoma leituras do Velho Testamento e do Alcorão (estas, iniciada em 1968). A preocupação com temas religiosos irá mais tarde se refletir de modo acentuado em *Lavoura Arcaica* (BOSI, 1996, p. 11).

Sendo o primeiro livro sobre imigração libanesa no Brasil, longe dos estereótipos e das tipificações e do pitoresco, *Lavoura Arcaica* mostra o difícil processo de transculturação, a transformação dos valores e os choques decorrentes em três gerações na mesma família. (PERRONE-MOISÉS, 1996, p.61). Consoante com essa idéia há ainda o depoimento do escritor Milton Hatoum, também de origem árabe, sobre o livro em questão:

[...] em *Lavoura Arcaica* pude reconhecer muitos traços da cultura do imigrante árabe, traços que se ajustam muito bem a uma tradição comum, a uma experiência milenar que os primeiros imigrantes haviam trazido do Líbano. O quarto, a casa e a fazenda, espaços que Raduan expande e dilata, palcos de um drama familiar ou da relação tensa de um casal (1996, p. 20).

O escritor dedicou-se, entre outras profissões, à criação de animais. E foi para retomar tal ocupação que ele afirma ter abandonado a Literatura, logo após o sucesso praticamente unânime de seus dois primeiros romances publicados. Tal decisão, ao invés de condenar o autor ao ostracismo, parece ter aumentado seu prestígio perante o público:

Raduan abandonou a ordem do verbo, que está sempre contaminada pelo vazio e pelo espanto, para retornar à ordem natural dos animais, que é mais silenciosa, mas também é mais previsível. [...] Seja como for, Raduan conseguiu transformar a literatura num enigma, decisão que, contrariando os que vêm nisso um jogo de aproveitador, só o torna ainda mais apaixonante (CASTELLO, 1999, p. 175).

## **2. A chegada das palavras**

É na modorra lasciva do breu de um quarto de pensão, que André irá receber a visita inesperada do irmão mais velho e, a partir disso, reviver momentos de um passado em meio à família, cercado pelas leis paternas e mimos maternos: “Eu estava era escuro por dentro, não conseguia sair da carne dos meus sentimentos” (NASSAR, 1982, p. 16). Ao seguirmos o caminho de densidade que se cria na fala de André, começamos a delinear junto com ele a genealogia de seus atos e palavras.

A chegada desse irmão mais velho não só obriga André a cobrir-se, minimamente, com vestes de civilidade, logo após a masturbação, mas ainda o leva a abrir as venezianas, gesto que parece guardar o sentido simbólico dessa chegada inesperada, de voz solene: é só com a presença do irmão, um interlocutor representante da razão patriarcal, que a “carne dos sentimentos” de André materializar-se-á em palavras. Lembra o processo da maiêutica socrática, em que perguntas simples guardam o poder de elucidar o pensamento e transportá-lo para a elaboração de idéias complexas.

Os olhos escurecidos de André percebem a clareza dos de seu irmão, a mesma clareza que remonta à casa da família, das regras, da rotina da lida campestre e sermões paternos ao pé da mesa. É a clareza que o protagonista afirma adoçar as lembranças de infância e ainda a mesma luminosidade que o impeliam para longe, para fundo de si: “fechei minhas pálpebras de couro para proteger-me da luz que me queimava, e meu verbo foi um princípio de mundo” (NASSAR, 1982, p. 89). Nesse esforço de introspecção consciente, ocasionada por esse olhar exterior, o sujeito precisa organizar-se minimamente para se fazer compreender. Mas é um esforço que se dá sob o peso da família, uma coerção sutil porque vem não só de fora para dentro, mas ainda de dentro para fora.

### 3. A genealogia da palavra

A figura do avô representa a tradição pura da família de imigrantes. Tem uma pureza que André contrasta com o sincretismo paterno, o qual justapõe culturas e religiões. Porém, mesmo esse discernimento original (das escrituras) que remete a um tempo perene – ou arcaico? – no passado, já traz em si a capacidade de fazer perdurar ou destruir. Promete a ambigüidade ou ainda a polissemia, da qual André irá se abastecer para defender seus desejos e pontos de vista, em um esforço retórico:

(Em memória do avô, faço este registro: ao sol e às chuvas e aos ventos, assim como a outras manifestações da natureza que faziam vingar ou destruir nossa lavoura, o avô, ao contrário dos discernimentos promíscuos do pai – em que apareciam enxertos de várias geografias, respondia sempre com um arrote tocoso que valia por todas as ciências, por todas as igrejas e por todos os sermões do pai: "Maktub<sup>3</sup>") (NASSAR, 1982, p. 91).

Entretanto, André teve de ouvir os sermões do pai, sentado à mesa que ainda representa um tronco de dois galhos. Na ponta, está o ente mais velho, poderoso em toda a soberania da cultura patriarcal e religiosa; à direita, os filhos que obedecem a essa soberania sem contestá-la; e à esquerda – no lado obscuro, canhoto, canhestro – estão aqueles que, de alguma forma, insurgem contra a lógica da tradição. Este lado é iniciado pela mãe, seguida por André, depois Ana e Lula, o irmão mais novo.

Nas parábolas contadas pelo pai, está o peso litúrgico da tradição e dos costumes passados pela oralidade: “Era uma vez um faminto. Passando um dia diante de uma morada singularmente grande, ele se dirigiu às pessoas que se aglomeravam nos degraus da escadaria, perguntando a quem pertencia aquele palácio” (NASSAR, 1982, p. 79). Na matéria desta voz de autoridade gravíssima, estão principalmente os conceitos de amor, trabalho e tempo. Cada um deles, de certa maneira, vai dar corpo aos preceitos católicos da tradição, família e propriedade.

---

<sup>3</sup> “Está escrito”.

#### 4. Amor, trabalho e tempo

Nos sermões categóricos do pai, os sentidos do amor, da família trazem consigo o entendimento de comunhão entre os membros da casa, nas lidas do trabalho, nas obrigações, na divisão de tarefas, no auxílio mútuo, na passagem de conhecimento e tradição. O amor é a liga familiar, é o que mantém o grupo coeso. É, para tanto, o sentido de altruísmo e o controlador de rasgos impetuosos ou outras possíveis vicissitudes que queiram abalar a calma e o equilíbrio do lar: “É através do recolhimento que escapamos ao perigo das paixões. [...] ninguém em nossa casa há de cruzar os braços quando existe o irmão para socorrer” (NASSAR, 1982, p. 58). E ainda completa:

[...] a mão benigna de cada um será para este irmão que necessita dela, e o olfato de cada um será para respirar, deste irmão, seu cheiro virulento, e a brandura do coração de cada um para ungir sua ferida, e os lábios para beijar temamente os seus cabelos transtornados, que o amor na família é a suprema forma da paciência (Ibidem, p. 61).

Junto com o trabalho e o tempo, o amor deverá impregnar o ambiente da casa com uma verdadeira mansidão, e deve suprimir os anseios íntimos, dissipando todo egoísmo que qualquer pensamento individual possa acender. A ordem do grupo é mais importante que a do sujeito. A necessidade comum está acima da vontade individual.

Também como regulador do cotidiano familiar está o trabalho. É nele que o peso do tempo se distribui, conformando o sentido da existência. Viver o presente é o mandamento primordial dos pensamentos do pai, que é também a metáfora de um relógio bem como o fora o avô. Segundo o pai, o respeito à ordem do tempo para a realização das tarefas cotidianas é onde está o caminho da sabedoria humana:

[...] e ninguém ainda em nossa casa há de começar nunca as coisas pelo teto: começar as coisas pelo teto é o mesmo que eliminar o tempo que se levaria para erguer os alicerces e as paredes de uma casa; aquele que exorbita no uso do tempo, precipitando-se de modo afoito, cheio de pressa e ansiedade, não será jamais recompensado, pois só a justa medida do tempo dá a justa natureza das coisas, não bebendo do vinho quem esvazia num só gole a taça cheia; mas fica a salvo do malogro e livre da decepção quem alcançar aquele equilíbrio (Ibidem p. 55).

As figuras do avô e do relógio são as marcas da materialização do tempo. O pai, aliás, percebe que em tudo há tempo, na mesa, no pão, no vinho. Quer convencer que “a obediência absoluta à soberania incontestável do tempo” trará o alívio às ansiedades. A contemplação, a humildade (e, sobretudo, a paciência) são virtudes relacionadas ao comportamento sábio com o tempo, que o pai pretende ensinar.

A parábola do faminto que busca auxílio na casa de um senhor abastado é uma das histórias mais emblemáticas na narrativa sobre a paciência. O senhor, ao receber o pedido de auxílio do faminto, decide colocar o mendigo à prova: com mesuras de requinte, serve um banquete imaginário para seu convidado, para provocá-lo. Ao notar que o pedinte se submete a tal extravagância, o senhor o cumprimenta por ter tido paciência – segundo ele, uma das virtudes mais raras entre os homens – e o convida a morar naquela grande casa, por seu incontestável merecimento.

A força da pedra e sua condição perene, também trazem em si a simbologia do tempo e do trabalho para o pai de André. A pedra está no nome de Pedro que, como o pai, tem na sabedoria paterna o ideal de vida e a cartilha de conduta diária. É o que ele vem cobrar de André, em nome da família. E ainda o vinho, recompensa modesta da faina rural, deve ser tomado com parcimônia, em pequenos goles e em quantidade regulada.

## **5. O desfazer da tradição**

“Sobre esta pedra fundarei minha igreja particular” (NASSAR, 1982, p. 89). Uma vez imbuído de todo esse conhecimento paterno, André passa a construir a sua própria interpretação de tais palavras. De dentro delas, ele forja uma obediência aparente, recheado de subversão e desrespeito. Os sentidos atribuídos por ele são mudados de acordo com seus desejos.

A carne é o centro da motivação. Com traços de epicurismo, o corpo e o prazer tornam-se a única religião, e o gozo físico o sentido maior para a existência: “[...] não era hora de especular sobre os serviços obscuros da fé, levantar suas partes devassas, o

consumo sacramental da carne e do sangue, investigando a volúpia e os tremores da devoção” (Ibidem, p. 26).

Como se pode notar, a fala de André também é carregada de um lirismo religioso que corrompe os sentidos das palavras da tradição, dando-lhes um caráter, ao mesmo tempo, divino e mundano. É assim que ele descreve o amor pela irmã, por exemplo. Os impulsos eróticos por ela representam a quebra do interdito religioso, corrompendo as mesmas palavras do pai, que pregava o amor entre os membros da casa. A lascívia, antes recôndita no carinho materno, estende-se a uma cabra de estimação e vai culminar na puberdade de André, com a prática do incesto com a irmã – também insinuada com o irmão mais novo.

André é inundado pelo desejo, e nada mais parece ter qualquer importância. O reconhecimento e a vergonha do obscurantismo desse desejo levam-no para fora de casa; carregam-no até os prostíbulos; e o fazem colecionar os objetos dessas santas de um altar subversivo, no qual Ana ocupa um lugar soberano.

André percebe que o amor da família, o qual deveria acolher até mesmo o irmão acometido pela doença, não perdoaria seus acessos de epilético, muito menos as suas tendências incestuosas:

[...] era eu o irmão acometido, eu, o irmão exasperado, eu, o irmão de cheiro virulento, eu, que tinha na pele a gosma de tantas lesmas, a baba derramada do demo, e ácaros nos meus poros, e confusas formigas nas minhas axilas, e profusas drosófilas festejando meu corpo imundo; me traga logo, Pedro, me traga logo a bacia dos nossos banhos de meninos, a água morna, o sabão de cinza, a bucha crespa, a toalha branca e felpuda, me enrole nela, me enrole nos teus braços, enxugue meus cabelos transtornados, corra depois com tua mão grave a minha nuca, componha depressa este ritual de ternura, é isso o que te compete, a você, Pedro, a você que abriu primeiro a mãe, a você que foi brindado com a santidade da primogenitura (NASSAR, 1982, p. 110).

Quanto ao trabalho, André está mais preocupado com as próprias vontades e com as possibilidades do ócio e do onanismo no escuro do quarto. Embora ele próprio se perceba hábil para a lida na terra, não quer fazer dela sua escravidão, mas sim a celebração da vida conjugal que aspira ao lado da irmã.

E tem-se ainda a sua visão deturpada do tempo em relação à perspectiva paterna. André não quer viver o presente. Ele recupera no passado e na expectativa do futuro as

horas dos seus dias. E a própria reconstrução de seu passado recusa-se à cronologia temporal. Tal dificuldade de viver o presente está manifesta na sua versão para a história do faminto, que o pai contava. André muda o final da parábola a seu modo, dando as cores de sua personalidade à história que pregava a paciência:

[...] antes porém que esse elogio fosse proferido, o faminto - com a força surpreendente e descomunal da sua fome, desfechara um murro violento contra o ancião de barbas brancas e formosas, explicando-se diante de sua indignação: "Senhor meu e louro da minha frente, bem sabes que sou o teu escravo, o teu escravo submisso, o homem que recebeste à tua mesa e a quem banqueteaste com iguarias dignas do maior rei, e a quem por fim mataste a sede com numerosos vinhos velhos. Que queres, senhor, o espírito do vinho subiu-me à cabeça e não posso responder pelo que fiz quando ergui mão contra o meu benfeitor (Ibidem, p. 86).

## **6. A transmissão do subversivo**

Apesar de subverter as ideias da família e causar profundo alvoroço ao irmão mais velho, este ainda consegue convencer André a retornar para casa. O filho pródigo volta ao seio familiar, depois de sofrer um verdadeiro ritual de iniciação à vida adulta e de construção da sua própria identidade.

O retorno a casa guarda a vontade de pertencimento em André. Nessa ocasião, ele tenta dialogar com o pai, expor as suas convicções subversivas de maneira mais branda, e acaba convencido pela austeridade do pai. Embora festejado como o bom filho que andava perdido, mas que acabara por encontrar a luz, sua influência corrosiva sobre os demais membros da família torna-se inevitável. Não é apenas a força de suas palavras, mas a significação dos seus atos que aboliram qualquer possibilidade de restabelecimento do equilíbrio na casa.

A voz de Lula, o irmão mais novo, é a ressonância do exemplo deixado por André. Lula tem o desejo de urbanidade, de modernidade, liberdade e futuro. Seus desejos também se sobrepõem aos desejos do grupo, e arrasa mais uma vez as noções aprendidas com o pai.



Ana, ao cobrir-se das relíquias de antigas prostitutas guardadas pelo irmão, reveste-se de um ímpeto dionisíaco, embriagado, exatamente como outra vez havia pedido André a seu irmão Pedro:

[...] por isso molhe os lábios, molhe a boca, molhe os teus dentes cariados, e a sonda que desce para o estômago, encha essa bolsa de couro apertada pelo teu cinto, deixe que o vinho vaze pelos teus poros, só assim é que se cultua o obscuro (Ibidem, p. 69).

A conduta desvairada de Ana dará lugar à fúria do pai. Dessa vez, ele também termina embriagado pelo ódio e pelo desespero (*pathos*) e termina por assassinar a própria filha, sob os gritos de horror da família. O trágico da narrativa guarda ainda a ironia do final da história em que prevalece a voz de André, uma vez que resta a ele contar a história da derrocada de sua família.

Deve-se, por fim, lembrar que a aparente peculiaridade dessa história de cunho intimista traz ainda simbolicamente a significação de um período sócio-cultural<sup>4</sup> bastante importante na história brasileira. Segundo Antônio Marcos Sanseverino:

Não se trata de focar nesse momento a família de imigrantes, mas de considerar a estrutura patriarcal, cuja ordem e poder se afirma na voz do pai e cujo fechamento traz dentro de si a semente da destruição. O chão autoritário brasileiro, diz Raduan, se estende para além da ditadura militar. (...) A busca pela autonomia repete-se em cada indivíduo que luta para não ser apenas parte submissa da família patriarcal ou de outras formas de poder, para não precisar seguir a voz autoritária, para não se sentir seguro apenas obedecendo ordens. Tal luta corre o risco de um desfecho trágico, com no caso de André que se afasta da família, mas a carrega dentro de si: “estamos sempre voltando para casa” (2005).

No interior das palavras que o personagem-narrador apresenta, coube, portanto, recompor parte das lógicas de construção de um mundo particular. Da austera tradição, fez-se o germe da destruição, que caracteriza a revolta ou ainda a revolução de um estado para outro. Parece importante ressaltar que, nesse movimento, reside o questionamento do indivíduo perante a sociedade e sua inteiração com a mesma. Não parece trazer uma

---

<sup>4</sup> Ver estudo “*Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar: continuidade e ruptura no ambiente de produção literária dos anos Setenta”, de Leonardo Menezes.  
[http://www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/045/LEONARDO\\_MENEZES.pdf](http://www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/045/LEONARDO_MENEZES.pdf)

resposta única para a adoção de uma determinada conduta, mas suscita questões de extrema importância para o desenvolvimento e o aprofundamento do conhecimento da alma humana.

## Referências

BOSI, Alfredo *et al.* *Cadernos de Literatura Brasileira – Raduan Nassar*. Nº 2. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1996.

CASTELLO, José. “Raduan Nassar - Atrás da Máscara”. In: *Inventário das Sombras*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HATOUM, Milton. “Os companheiros”. In: BOSI, Alfredo *et al.* *Cadernos de Literatura Brasileira – Raduan Nassar*. Nº 2. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1996.

NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Da cólera ao silêncio”. In: BOSI, Alfredo *et al.* *Cadernos de Literatura Brasileira – Raduan Nassar*. Nº 2. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1996.

SANSEVERINO, Antônio Marcos V. “Uma estética do extremo” PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 01 N. 01 – jul/dez 2005. Disponível em: <http://64.233.169.132/search?q=cache:oMcY9oEHXyYJ:www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/4827/2745+%22lavoura+arcaica+foi+ontem%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=7&gl=br>. Acesso em: 04/12/2008.